

A leitura de literatura e o recalque da Internet nos jovens estudantes do Ensino Médio

Patrícia Cardoso Batista¹

Sheila Oliveira Lima²

Resumo: Na atualidade, a Internet facilitou o acesso aos textos, inclusive os literários. Logo, parece ter impactado significativamente na quantidade de leitura entre os indivíduos. Entretanto, o leitor, mesmo diante de inúmeras possibilidades de leitura, não tem condições de acessar e ler tudo que se lhe apresenta, dado que existem limitações de diversa ordem: temporais, físicas, intelectuais, afetivas etc.. Desse modo, é possível questionar a qualidade dessas leituras, que são selecionadas, dentre tantas outras, obedecendo a múltiplos critérios, mais ou menos racionais. Em vista disso, este estudo enfoca a relação entre a Internet e a leitura entre os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, pertencentes a duas escolas estaduais do Paraná. Trata-se de um estudo de caso de cunho qualitativo com base teórica nos estudos de Barthes, Chartier e Manguel.

Palavras-chave: Leitura literária. Internet. Ensino Médio.

Literary reading and the Internet repression on the Young students of secondary-school

Abstract: This study approaches the connection between internet and reading habits among third-year students of the secondary-school system of the State of Paraná, Brazil. Internet has facilitated access to all text types, including literary texts. This fact seems to have a considerable impact on the amount of individual reading. Before the countless possibilities of reading that are presented to the individual, the reader is not able to read them all, given all kinds of reasons: time and resources available, intellectual and emotional idiosyncrasy, etc. Factoring in this scenario brings the reading quality into question since the criteria remain rationally imprecise. Therefore this is a qualitative study, and it is based on Barthes's, Chartier's and Manguel's.

Keywords: Literary reading. Internet. Secondary-school.

1 INTRODUÇÃO

O advento da Internet promoveu, para grande quantidade de pessoas, o acesso a textos de diversa ordem, dado que podem ser obtidos, por conseguinte lidos, a partir de

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, em Educação a Distância, e em Letramento. Graduada em Letras Português/ Espanhol pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, e em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL. Atua como tutora de Educação na Pós-graduação - EAD, e docente de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Ensino Fundamental II. Atualmente, pesquisa sobre a formação de leitores, ensino de leitura e leitura nas mídias digitais. E-mail: patty_jbt@hotmail.com.

² Professora no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do CCH da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Linguagem e Educação e mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Graduada e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: Leitura e Formação do Leitor, Alfabetização, Letramento, Oralidade, Literatura e Infância, Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. E-mail: sheilaol@uol.com.br.

diferentes dispositivos digitais, como celular, computador, *tablet* ou *e-reader*. No Brasil, o número de usuários da Internet é expressivo, uma vez que em pesquisa realizada pelo IBGE em 2017 constatou-se que 74,9% dos domicílios utilizam a Internet.³ Tal situação leva ao questionamento que perpassa a reflexão realizada ao longo deste artigo: pode o acesso a textos, proporcionado pela Internet, resultar em mais e melhores leituras por parte dos jovens em idade escolar?

Iniciamos nossas reflexões abordando as novas tecnologias, observando que suas implicações não recaem apenas sobre o acesso aos textos, mas também sobre o modo de lê-los. Nessa perspectiva, Almeida (2003) aponta que a leitura na Internet é afetada pelo tamanho e tipo de letra, pelo modo como o texto é disposto na página, pela iluminação do ambiente, tipo de monitor do computador e ergonomia do mobiliário. O autor ainda relata que as pesquisas constataram que a leitura na tela de um computador é 30% mais lenta e mais cansativa que em textos impressos, conseqüentemente interferindo na sua compreensão.

Além disso, a leitura no ambiente digital proporciona ao leitor inúmeras possibilidades de navegação, pois, ao contrário da leitura em suporte impresso, em que o itinerário está estabelecido, na Internet o leitor percorre caminhos não planejados previamente, pois pode acessar diversos links e, assim, dispersar-se do seu objetivo inicial. Desse modo, cabe ao leitor criar o seu percurso de leitura, a qual acaba por se caracterizar pela possível fragmentação, diferente daquela realizada de modo linear, na limitação do suporte impresso.

Em vista disso, percebe-se que, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, o leitor não lê da mesma forma que o fazia antes, dado que hoje está exposto a uma enorme quantidade de textos, levando-o a indagar: o que ler? Diante disso, observa-se que o acesso ilimitado aos textos reflete no modo de o leitor relacionar-se com a leitura, na medida em que tem a sua disposição, a qualquer tempo, tudo que quer e que não quer ler. Contudo, essa imensidão de possibilidades pode ter efeitos negativos, pois, diante de tal variedade de textos, o leitor terá de escolher aquele que se encaixa nas suas possibilidades temporais, eliminando todos os demais de seu foco, o que, em tal contexto, pode não ser uma tarefa tão simples de ser realizada.

³ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 29 jul. 2019.

Sendo assim, nota-se que as inúmeras possibilidades de leitura propiciadas pela Internet trazem benefícios e impasses aos quais o leitor contemporâneo precisa se adaptar. Logo, percebe-se a necessidade de outra postura do leitor, que deve selecionar de forma criteriosa o que merece ou não ser lido.

Diante desse quadro, este estudo propõe um debate sobre os impactos da internet na leitura entre os jovens. As reflexões aqui apresentadas resultam de um recorte do *corpus* que compôs a dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina *Formação de leitores literários no ensino médio: tecendo histórias*, finalizada no ano de 2019. Trata-se de um estudo de caso de cunho qualitativo. A coleta de dados ocorreu em duas escolas estaduais do Paraná, no ano de 2017. Para tanto, aplicou-se um questionário a 43 alunos do terceiro ano do Ensino Médio e uma entrevista a quatro alunas-leitoras, que foram selecionadas dentre os estudantes participantes. Sendo assim, enfocam-se os dados referentes à leitura e à Internet na vida dos jovens. As discussões aqui apresentadas apoiam-se nas reflexões presentes em Barthes (2004), Chartier (1998), Manguel (2017) e Andruetto (2017).

2 A LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE: LIVRO X TELA

Em “Ler, direito de todos”, Andruetto (2017), enfatiza que o ato de ler já foi um privilégio de poucos, mas com o tempo foi se expandindo até aos mais desfavorecidos, e hoje considera-se um direito de todos. Nesse contexto, Andruetto (2017) contesta as frases proferidas pelo senso comum, nas quais se enfatiza que antigamente se lia, e, agora, não, pois ela ressalta que não é possível identificar a que tempo se refere esse “antes”. Logo, a autora expõe algumas hipóteses para que essa afirmação seja feita por tantas pessoas, como o fato de que antes, talvez, houvesse mais leituras, porém restritas a menor quantidade de leitores. Hoje, temos milhares de novos leitores, vindos de meios onde não havia acesso aos livros e que, agora, realizam leituras em diversos outros suportes.

Sendo assim, Andruetto (2017) explicita que, durante a última década, vem aumentando o número de editoras, as prateleiras destinadas ao público infantil e juvenil, os cursos, congressos, oficinas, dentre outras iniciativas para promoção de leitura. Portanto, pode-se dizer que há mais leitores que antes, mas há necessidade de melhorar muito ainda a quantidade e qualidade das leituras, pois segundo Andruetto (2017, p. 128), temos muitas

opções de textos “[...] destinadas a acalmar as boas consciências ou adormecê-las, distraí-las ou enganá-las, e a literatura, se habita em um lugar, é no lugar onde as boas consciências se sacodem, saem do lugar e despertam”. Isto é, parece haver, hoje, mais leitores e mais materiais acessíveis. Entretanto, a aposta na quantidade de textos e no aumento do número de leitores que os leem parece não corresponder à qualidade dos materiais ou à complexidade do desempenho de quem os acessa.

Voltando a atenção para a produção das obras literárias como meio de intervir na formação dos atuais leitores, a autora afirma que um bom livro, além de não ser politicamente correto, deve causar incômodo. Para ela, o livro permite que olhemos as coisas de outro ângulo, notando-as diversas do modo como pensávamos serem. Nesse sentido, “[...] ler é um ato de coragem, é abrir-se ao mundo e sentir-se livre para rejeitar, é buscar palavras de outros para encontra-se a si mesmo. O que alguém faz quando lê não é entender quem escreveu, e sim compreender um pouco mais a si mesmo e compreender um pouco mais o mundo em que vive” (ANDRUETTO, 2017, p. 132).

A afirmação feita por Andruetto (2017) conduz para a defesa de um modo de ler mais denso e, portanto, mais lento, o que diverge bastante dos hábitos atuais de leitura, que parecem instigar os leitores a absorver cada vez mais informação em menos tempo e com um mínimo de critérios. Compartilhando dessa visão, Manguel (2017) compara a maneira como se lê na Internet com viagens instantâneas, em que o leitor-navegador não vive a experiência da travessia, e afirma que tais métodos “Afetam também nossos pensamentos, nossas capacidades reflexivas, nossos músculos intelectuais” (MANGUEL; 2017, p. 63). O autor conclui a reflexão defendendo, também, a leitura lenta e atenta: “Nossas funções de raciocínio requerem não apenas consciência de nós mesmos, mas também de nossa passagem pelo mundo, e consciência de nossa passagem pelas páginas de um livro” (MANGUEL; 2017, p. 63).

Carr (2011), em *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*, relata que mudanças têm afetado sua maneira de pensar e, conseqüente, suas leituras. Ele expõe que, antes, costumava mergulhar em um livro ou artigo extenso, mas que agora sua concentração tem se extraviado. Ele diz: “Fico inquieto, perco o fio, começo a procurar alguma coisa mais para fazer. Sinto como se estivesse sempre arrastando o meu cérebro volúvel de volta ao texto. A leitura profunda que costumava acontecer naturalmente tornou-se uma batalha”. (CARR, 2011, p. 14).

O autor não nega os benefícios trazidos pela Internet, porém alerta que os efeitos são profundos, inclusive no modo como se lê. Para ele, a sua leitura tem sido mais superficial:

Quer eu esteja on-line quer não, a minha mente agora espera receber informação do modo como a net a distribui: um fluxo de partículas em movimento veloz. Antigamente eu era um mergulhador em um mar de palavras. Agora deslizo sobre a superfície como um sujeito com um jet ski. (CARR, 2011, p. 15)

Mas, para além dos aspectos intelectuais da leitura lenta, geralmente associada a livros e outros materiais impressos, Carr (2011) defende ainda que as palavras impressas nas páginas em branco são mais fáceis de serem lidas do que aquelas formadas por pixels sobre uma tela iluminada. Além disso, a leitura na tela, rapidamente resulta em fadiga ocular, ao contrário das páginas impressas em que se demora mais para isso ocorrer. O autor também enfatiza ser frequente a preferência pelos livros físicos, ligada à facilidade e ao prazer de comprá-los e lê-los.

Em consonância com o apontado pelo autor, algumas pesquisas indicam a preferência pelo suporte físico de leitura. Correia, Fragatti e Clara (2017) ao investigarem as preferências de leitura de 350 estudantes do Ensino Médio, no Estado do Paraná, identificaram que 61% dos alunos preferem realizá-la no texto impresso, 31% no digital e 8% leem nos dois tipos. Nesse sentido, as autoras explicitam que, embora esses jovens vivam em uma sociedade conectada, a sua relação com a leitura ainda é tradicional, dado que optam pela leitura em materiais impressos.

Em anuência, Pagnan, Lima e Mustafa (2018) ao buscarem entender o hábito e as estratégias de leitura de 66 estudantes do curso de Direito, constatam que 71% preferem o suporte impresso, 12% são indiferentes, e apenas 6% declararam preferir o suporte digital. Diante disso, os autores apontam que, apesar do suporte digital facilitar o acesso, a sua utilização se dá mais por quem já é “leitor experiente ou ao menos frequente e não por aquele estudante que seria considerado um nativo digital”. (PAGNAN; LIMA; MUSTAFA, 2018, p. 152).

Nessa perspectiva, Carr (2011) aponta que as empresas vêm trabalhando no sentido de proporcionar aos leitores certos “confortos” que poderão alterar sua relação com os suportes de leitura digitais. Buscam, assim, a criação de aparelhos com baixa luminosidade, evitando a tensão ocular, bem como o desenvolvimento de funções para aumentar o tamanho da fonte, realçar texto, rabiscar notas nas margens, possibilidade de guardar uma biblioteca

pessoal na memória, além de utilizar menos recursos como papel e tinta, refletindo em custos mais baixos.

Entretanto, é preciso ressaltar que, ao refletir a respeito da leitura no contexto das mídias digitais, trata-se, sobretudo de compreender as novas práticas de interação com a escrita. Nesse sentido, Carr (2011) expõe que a mudança não está apenas na transferência do livro para a tela, mas nos usos que se fazem da leitura. Como exemplo, o autor cita pessoas que checam o e-mail, leem as notícias ou mesmo buscam palavras desconhecidas ou algo da obra que estão lendo, e se distraem até voltar mais tarde à leitura. Em contrapartida ao que observa como algo frequente nas novas práticas leitoras, o autor, ao lado de Andruetto e Manguel, também defende a leitura profunda e atenta.

Não se pode negar, entretanto, que as mídias digitais (computadores, tablets, aparelhos celulares etc.) são recursos que, se explorados, permitem a ampliação da leitura a partir do acesso eletrônico aos textos. Segundo Chartier (1998, p. 117), “Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar”. O leitor, esteja onde estiver, hoje pode ter acesso a inúmeros textos, que por vezes não se encontram nem na biblioteca mais próxima de sua casa. Desse modo, ao lado de Chartier (1998) consideramos que a “A biblioteca eletrônica permite, por sua vez, compartilhar aquilo que até agora era oferecido apenas em espaços onde o leitor e o livro deveriam necessariamente estar juntos. O lugar do texto e do leitor podem então estar separados” (CHARTIER, 1998, p. 119).

Em contrapartida, essa imensidade de livros à disposição do leitor, descrita por Chartier (1998), permite ampliar o *recalque* da leitura descrito por Barthes (2004). O recalque pode figurar não só quando o indivíduo não encontra o que deseja ler na biblioteca, quando a sociedade e a cultura, lhe reprimem o desejo, mas também quando, dentre as inúmeras possibilidades, compreende que nunca conseguirá abraçar todas. Desse modo, amplia-se o paradoxo: mais obras ofertadas – menos chances de ler todas.

Na atualidade, reflete-se tal situação, já que, diante das “infinitas” possibilidades ofertadas pela rede e da conseqüente impossibilidade de apropriar-se integralmente delas, não se prioriza o aprofundamento, mas a passagem superficial por todas, mais valendo a quantidade que a qualidade das leituras.

O recalque da leitura, nesse sentido, manifesta-se de diversas formas. A pouca motivação para o acesso às obras, por exemplo, pode resultar do fato de que elas estão

eternamente disponíveis, o que permite que sejam lidas a qualquer tempo, inclusive nunca. Por outro lado, a vastidão do que se tem ao alcance das mãos nutre a insegurança própria da escolha: como escolher apenas uma dentre milhões de opções? Como recusar tantos milhões de obras para escolher apenas uma? Nesse sentido, hoje, o recalque da leitura parece se dar exatamente pela oferta e não por sua falta. Tem-se tudo à disposição, mas nossa capacidade cognitiva e mesmo afetiva não nos permite mergulhar em tudo, então, opta-se por nada, que é uma forma de contemplar tudo numa mesma ação ou inação.

No romance italiano *Se um viajante numa noite de inverno*, Calvino (1999) representa de modo um tanto cômico a angústia vivida pelos leitores no momento em que se veem diante da necessidade de escolha de uma obra para leitura. O autor descreve todo o percurso vivido por seu leitor pressuposto até chegar ao livro que está sendo lido por ele (o próprio romance *Se um viajante...*). Num diálogo inusitado entre os interlocutores (autor e leitor), o narrador relata a experiência de buscar o objeto de seu desejo em uma livraria:

Já logo na vitrine da livraria, identificou a capa com o título que procurava. Seguindo essa pista visual, você abriu caminho na loja, através da densa barreira dos Livros Que Você Não Leu que, das mesas e prateleiras, olham-no de esguelha tentando intimidá-lo. Mas você sabe que não deve deixar-se impressionar, pois estão distribuídos por hectares e mais hectares os Livros Cuja Leitura É Dispensável, os Livros Para Outros Usos Que Não a Leitura, os Livros Já Lidos Sem Que Seja Necessário Abri-los [...] Tudo isso para dizer que, após ter percorrido rapidamente com o olhar os títulos dos volumes expostos na livraria, você se dirigiu a uma pilha de exemplares recém-impressos de *Se um viajante numa noite de inverno*, pegou um e o levou ao caixa para ver reconhecido o seu direito de possuí-lo. Você ainda lançou sobre os livros em redor um olhar desgarrado (ou melhor, os livros é que o olharam com um olhar perdido como o dos cães nos cercados do canil municipal quando veem um ex-companheiro ser levado na coleira pelo dono que veio resgatá-lo) e, enfim, saiu. (CALVINO, 1999, p. 13-14).

É possível fazer um paralelo entre a passagem do romance de Calvino e a situação real de escolha de obras para leitura. Na atualidade, esse percurso pode ser feito a partir das livrarias virtuais, que dão ao leitor a opção de pedir o livro físico ou comprá-lo em *e-book*. Ainda é possível fazer esse percurso em sites que disponibilizam livros gratuitos para *download*. Desse modo, infere-se que o caminho é o mesmo para a escolha de uma leitura no ambiente virtual, no qual pode-se fazer o *download* de vários textos, mas há o inevitável momento restritivo de eleger apenas um para ler naquele momento.

Logo, para chegar a um livro é preciso deixar milhares de outros para trás. Contudo, essa escolha não tem relação somente com o desejo de ler, pois, por vezes, o leitor gostaria de ler todos os livros que lhe interessassem. Em vista disso, como é impossível ler

tudo que está disponível, cabe ao leitor estabelecer diferentes critérios para encaixar a leitura dentro de suas possibilidades, até mesmo temporais ou financeiras. No romance de Calvino, o narrador discorre detalhadamente sobre as possíveis listas que um leitor faz para organizar-se frente à angústia que vive perante a impossibilidade de ler todos os livros de uma só vez. Tal estratégia, entretanto, apenas acomoda em lugar mais confortável o que não passa de simples realidade: ao final, não conseguirá ler tudo. E, neste ponto, se afirma o *recalque* da leitura, situação em que cabe ao sujeito assujeitar-se à cultura e reconhecer que não é possível tê-la toda para si ou em si. Paradoxalmente, Barthes (2004, p. 35, grifo do autor) ressalta que, “[...] a liberdade de leitura, qualquer que seja o preço a pagar, é *também* a liberdade de não ler”. Isto é, saber-se assujeitado, submetido à própria cultura, incapaz de abraçá-la na totalidade, favorece as condições para que se mobilize na direção de uma resposta metonímica, parcial, como ocorre em toda e qualquer situação simbólica.

Entretanto, ao que parece, vivemos tempos em que há uma sanha pela totalidade, embora frequentemente limitada à superfície das coisas. O mundo de conteúdo disponível na Internet leva à ilusão de que é possível ter tudo à mão, saber de tudo, numa espécie de delírio cognitivo que não permite que o sujeito sequer suspeite de sua condição de sabedor de quase nada sobre quase tudo.

No contexto social e cultural que hoje compartilhamos, a prática da leitura em ambiente virtual, em boa parte dos casos, parece representar tão somente um olhar ligeiro, quase de rabo de olho, sobre conteúdos que, muitas das vezes, são breve e rasamente apresentados. Nesse sentido, voltamos às proposições de Andruetto (2017) e Manguel (2017) e reafirmamos a urgência de se retomar a leitura lenta, disposta a enfrentar a densidade da linguagem e das abordagens das temáticas da contemporaneidade.

3 OS JOVENS, SEUS RECALQUES, SUAS LEITURAS

A discussão a seguir parte da análise de questionários respondidos por estudantes de Ensino Médio de duas escolas do Norte Pioneiro do Paraná. Os dados são parte das coletas realizadas pela pesquisa de mestrado *Formação de leitores literários no ensino médio: tecendo histórias*, finalizada no ano de 2019. Apresentamos aqui os conteúdos que se referem diretamente aos hábitos de leitura dos alunos participantes da pesquisa, entre os quais comparecem as práticas leitoras realizadas em ambiente virtual.

Em uma das etapas da pesquisa supracitada, indagou-se aos estudantes se têm o hábito de leitura. As respostas dos participantes divergiram minimamente, pois 22 alunos afirmaram que sim, e 21 que não. Logo, embora haja pouca diferença quantitativa entre os resultados, trata-se de um dado preocupante, porque, apesar de a leitura estar em todo lugar, sobretudo dentro da escola, principalmente a partir do livro didático, há um número significativo de estudantes que dizem não ler com frequência. Isto é, mesmo imersos em um contexto letrado – como é, sem dúvida alguma, a escola –, os alunos esboçam uma imagem de si marcada pelo afastamento das práticas sociais de leitura e escrita.

Essa situação se torna ainda mais explícita quando os estudantes respondem negativamente à questão a respeito do conceito que têm de si enquanto leitores. Dos 43 estudantes que participaram da pesquisa, somente 7 expressaram com convicção serem leitores, 18 deles assinalaram o item “talvez” e 18 mostraram-se convictos de não poderem se declarar leitores. Esse é um dado que merece atenção, pois revela que um mínimo de estudantes cultiva uma autoimagem de leitor, o que pode ser o resultado de uma diminuição das práticas de leitura mesmo ou até uma imaginarização do ato de ler que não comporta as práticas que esses sujeitos realizam em seus cotidianos, podendo levá-los a posturas desmotivadas em relação à leitura, já que se trata – em seus imaginários – de algo que não representa seus hábitos e experiências.

Os dados referentes ao número de livros lidos pelos estudantes durante o ano de 2017 são significativos para a composição da imagem de não-leitores que expressam em suas respostas sobre os hábitos de leitura:

Gráfico 1: Número de livros lidos no ano de 2017



Fonte: (BATISTA, 2019, p. 81)

Observa-se que grande parte dos alunos pesquisados (25) figura entre as situações mais graves de leitura. Não ter lido nada ou ter lido apenas um livro ao longo do ano revela uma vivência muito empobrecida para um estudante de 3ª série do Ensino Médio, na medida em que, como se disse antes, a escola é um espaço privilegiado para a realização de interações por meio da escrita, ainda mais quando se trata de um contexto aparelhado com biblioteca. Entretanto, mais grave nos parece o fato de 8 alunos não saberem responder se leram ou quanto leram ao longo do ano. Seja por ausência de memória, vergonha ou desinteresse, fica patente nessa resposta a irrelevância do tema para tais estudantes. Mais ainda, um quantitativo expressivo de respostas com tal carga semântica parece indicar que a leitura, no contexto da escola, ainda não atingiu um status de distinção. Tal avaliação pode ser reforçada pelo fato de o menor quantitativo de alunos agrupar-se nas categorias de leitores que leram de 4 a 6 livros.

Buscando-se compreender a qualidade da leitura realizada pelos estudantes, indagou-se quantos dos livros mencionados na questão anterior eram de literatura.

Gráfico 2: Número de livros de literatura lidos no ano de 2017



Fonte: (BATISTA, 2019, p. 82)

Em relação às respostas obtidas para esse questionamento, ressalta-se que o conceito de literatura foi deixado em aberto, sem delimitar precisamente com critérios rígidos o que é ou não literatura. Portanto, as respostas levam em consideração o que o aluno entende por obra literária. Assim, talvez a ausência de uma concepção de literatura por parte dos estudantes justifique o alto índice de estudantes que responderam não terem lido nenhum ou terem lido apenas um livro de literatura, seguidos dos que não souberam responder à questão. Chama-se a atenção para esse dado, primeiro porque a maioria deles lê poucos livros de literatura, que em média seriam de um a três livros no ano. Segundo, infere-se a possibilidade

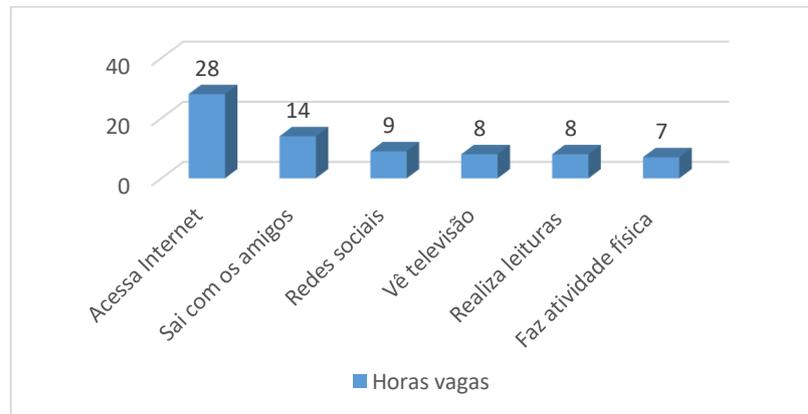
de que saiam da escola sem ter definido seu conceito de literatura, o que é um dado de bastante gravidade, considerando-se que passaram ao menos 12 anos na escola, local em que o acesso à literatura e ao desenvolvimento do letramento literário deveriam estar garantidos.

Quando se trata, entretanto, da abordagem dos usos das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), os estudantes apresentam realidade muito distinta da que vimos em relação aos livros, às obras literárias e às práticas letradas em torno de tais materiais.

De acordo com as respostas dadas aos questionários, as tecnologias digitais estão muito presentes na vida dos estudantes, já que **todos** afirmaram ter um aparelho celular. Desses, 27 alunos – o que compreende mais da metade dos participantes da pesquisa – também apontaram possuir outros aparatos tecnológicos, tais como notebook, computadores e/ou *tablets*. Quanto ao acesso à Internet, apenas dois alunos relataram não possuir. Entre os que acessam, 36 afirmaram ter Internet em casa, um na escola e quatro em outros lugares. Em vista disso, percebe-se que os alunos têm amplo acesso aos aparatos tecnológicos e à Internet, o que aumenta as chances de acesso a textos diversos, inclusive os literários.

Outro fator de relevância para a compreensão das práticas leitoras dos alunos participantes da pesquisa refere-se ao uso que fazem da Internet. Ela se destaca também entre as atividades que ocupam os horários vagos dos alunos. Ao serem questionados sobre as atividades realizadas nos momentos de lazer, deu-se a opção de selecionaram até duas alternativas. Sendo assim, em primeiro lugar, com 28 marcações, tem-se “acessar a Internet”. Em segundo, 14 estudantes reservam parte do seu dia para conviver com os amigos. Em terceiro, 9 discentes marcaram o item relativo a acesso a redes sociais, o que evidencia que navegar no meio digital vai além das redes sociais, já que havia uma opção exclusiva para especificar essa atividade. Em quarto, tem-se um empate entre a televisão e a realização de leitura, presente nas horas vagas de 8 alunos. Em seguida, com 7 respostas, ficou a atividade física.

Gráfico 3: Atividades realizadas nas horas vagas



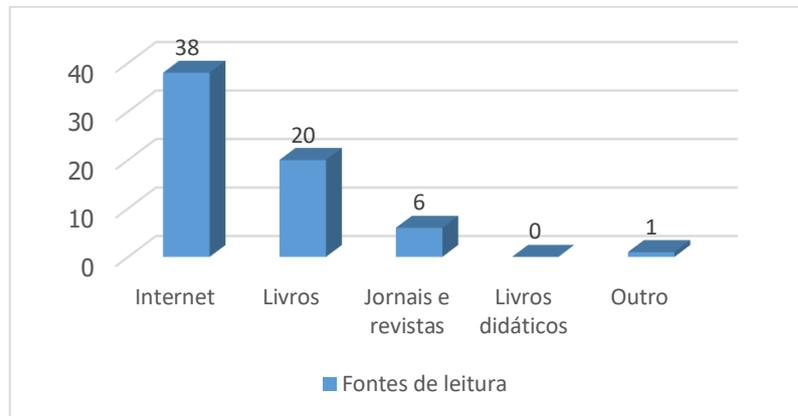
Fonte: (BATISTA, 2019, p. 86-87)

Conforme se observa, o acesso à Internet é a alternativa de atividade nas horas vagas mais frequente entre os alunos, seguida da convivência com os amigos. Outro dado curioso levantado a partir das respostas dos estudantes à questão é o fato de considerarem acesso às redes como algo distinto da navegação na Internet, o que pode evidenciar que as atividades efetuadas na rede são mais diversificadas, não se limitando a interações sociais em pequenos grupos. Ressalte-se, ainda, que a atividade de leitura figura entre uma pequena parcela dos participantes, o que chama a atenção para o fato de não realizarem em quantidade ou de não considerarem atividade de lazer ou de motivação própria.

Esse dado, contudo, pode ser ressignificado quando colocado em relação aos suportes mais utilizados para a prática da leitura, uma vez que, o uso da Internet se sobressai em relação a todos os demais. Logo, infere-se que pode ser que a leitura seja recorrente nas horas vagas, a partir dos suportes digitais, porém, não temos como delimitar o que os participantes leem.

No tocante às fontes de leitura mais utilizadas, tem-se:

Gráfico 4: Fontes de leitura



Fonte: (BATISTA, 2019, p. 87)

Verifica-se, portanto, que mais estudantes leem textos na tela do que impressos. Para Chartier (1998), em *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, a relação com o livro digital é menos corporal, enquanto no livro impresso o leitor pode virá-lo e apalpá-lo. Por outro lado, a divulgação do material pelo meio eletrônico é bem mais rápida, o que permitiu o aumento do acesso aos textos escritos, pois “[...] parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras, universalidade e interatividade.” (CHARTIER, 1998, p. 134). O acesso a um computador e à Internet possibilita a leitura sem a necessidade de ir ao encontro do livro em uma biblioteca, por exemplo.

Conforme se observa a partir dos dados expostos no Gráfico 4, com a Internet, as ferramentas tecnológicas estão fortemente presentes na vida dos alunos, como uma forma de preencher suas horas vagas, mas também para realização de leituras. Talvez, uma das vantagens disso seja o rápido acesso a informações, mas, em geral, em detrimento da qualidade do conhecimento que se obtêm por essa fonte. Por exemplo, quando as pesquisas de certos assuntos eram, normalmente, realizadas em livros, as fontes tendiam a ser mais seguras, visto que havia toda uma estrutura muito dispendiosa para tornar realidade uma publicação. Na Internet, cujas publicações são muito mais baratas senão gratuitas, ocorre uma consequente ausência de controle sobre o que é levado ao público, o que tem gerado ocorrências numerosas de notícias falsas ou com erros graves nas informações veiculadas.

Diante disso, pode-se afirmar que o uso das novas tecnologias tem promovido a leitura em termos quantitativos, porém, falta a exploração desse recurso quanto aos dados

qualitativos. Para Colomer (2007, p. 104), “[...] lê-se mais do que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios”.

Logo, a partir dos dados obtidos na pesquisa, percebe-se a necessidade de voltar-se para como os jovens têm usado a Internet como fonte de leitura e como forma de lazer, para que seja possível auxiliá-los a lidar com o mundo virtual. Como vimos, é certo que o advento da Internet ampliou o acesso aos textos, de forma que é fato que, provavelmente, lê-se muito mais que antes. Entretanto, parece urgente atentar para a qualidade dessas leituras, tanto no que se refere às escolhas efetuadas quanto à profundidade que se consegue atingir com elas.

Num segundo momento da pesquisa, no qual foi possível realizar entrevistas com estudantes que se mostraram mais frequentes na atividade de leitura, foram levantadas informações a respeito da relação de interferência entre hábitos de leitura e uso das NTIC.

A aluna C⁴. observa que, na atual sociedade as redes sociais têm ganhado cada dia mais espaço na vida dos jovens. Ela mesma afirma que tem que se policiar para distribuir melhor seu tempo entre as redes sociais e a leitura, por exemplo. A aluna B. também se queixa do tempo que as redes sociais lhe tomam. Em sua opinião, os alunos estão mais interessados na Internet do que na leitura. Mas, no seu caso, o celular com Internet é recurso que a auxilia a continuar a ser uma leitora. Quando indagada sobre como começou a ler livros pelo aparelho celular, ela relata:

Aluna B. – Eu descobri por uma professora, que eu trabalhei como secretária em uma escola de inglês. Ela que me passou bastante livros pelo celular, ela me emprestava bastante. Ela tinha uma biblioteca na casa dela, que é um dos meus sonhos. Mas, foi mais por causa dela, ela que falava: - você não tem condição para comprar? Baixa no celular, lê no celular. Eu acho, às vezes baixo, ou o pessoal passa para mim, que são as minhas amigas de outra cidade. Elas mandam pela Internet, WhatsApp, Facebook. Estudaram comigo, algumas são leitoras. [...]. Mas, antigamente, não. Se eu não tivesse o livro na mão certinho, eu não conseguia ler. Mas agora eu estou acostumando, para mim, daí, desde que eu estando sabendo a história certinho está bom. (BATISTA, 2019, p. 140)

A aluna B. apresenta uma relação especial com o objeto livro, entretanto, como seu poder aquisitivo não permite realizar seu desejo de ter uma biblioteca, ela o efetiva em seu aparelho celular, cheio de livros eletrônicos lidos e que ainda estão por ler. Trata-se de uma forma que encontrou para fazer inúmeras leituras sem ter de tomar emprestado da biblioteca. Desse modo, nota-se que essa leitora tem uma relação afetiva com o objeto livro, mas não tem

⁴ Nos excertos de depoimentos apresentados, identificamos as alunas entrevistadas em A, B, C e D como forma de preservar-lhes as identidades.

condições financeiras para adquirir todas as obras que deseja ler. Por isso, quando apresentada aos livros em PDF, aderiu à ideia, pois pode montar uma biblioteca pessoal no seu aparelho celular. A aluna B. realiza, ainda, uma troca de informações sobre autores e títulos pelo ambiente virtual, ou seja, o ambiente virtual tornou-se uma saída para a prática e compartilhamento da leitura, sem que seja necessário acessar o objeto físico na biblioteca. Um fator relevante no percurso formativo da aluna B. refere-se aos agentes que a levaram a fazer uso da Internet como fonte de leituras de obras literárias, o que remete ao fato de haver a necessidade de uma intervenção da escola para que o estudante possa vislumbrar outras possibilidades de acesso a textos mais complexos e, ao mesmo tempo, outras formas de uso da Internet.

Em outro momento, a aluna B. volta a se referir ao livro como objeto com intenso valor afetivo:

Aluna B. – Eu gosto de vir na biblioteca ficar procurando livro, não sei, é uma distração para mim. Eu me apeguei bastante, não sei explicar, eu gosto. Meu amigo, por exemplo, ele me deu um livro esse ano, eu fui passear na casa dele nas férias. Ele falou: -ah vem para cá. Ele me levou num passeio, não lembro onde é que nós fomos. Mas, ele viu um livro lá e falou: - ah você gosta de ler, né? Eu falei: - eu gosto. A hora que ele foi lá e comprou o livro e deu para mim, eu fiz uma festa. Ele olhou para mim e falou: - para de pular no meio dos outros, para de passar vergonha (risos). (BATISTA, 2019, p. 140)

A relação com o objeto livro é afetiva para a aluna B., apontando até que é um presente que a deixa muito feliz, algo que se pode considerar incomum. Mas, devido aos empecilhos de frequentar uma biblioteca real, ou comprar um livro, as bibliotecas virtuais vêm se mostrando, ao menos nesta pesquisa, como algo a se tornar mais presente na vida dos educandos. A respeito do entusiasmo da participante em relação ao livro presenteado, Barthes (2004) comenta que o livro pego na biblioteca é diferente daquele que se possui em casa. A diferença reside que o *livro-em-casa* foi agarrado em uma livraria como se fosse um fetiche, já o livro obtido na biblioteca passa pela parte burocrática, ou seja, é uma dívida adquirida, já que é preciso devolvê-lo.

É possível que a biblioteca virtual da Aluna B., constituída a partir da sugestão da professora e patroa tenha uma relevância grande em sua vida. O acesso ao conhecimento, a possibilidade de interagir com formulações mais complexas e mais originais que as postagens que se repetem nas redes sociais, pode nutrir a estudante de um saber linguístico capaz de conduzi-la a buscas mais refinadas na própria Internet. Entretanto, o aspecto afetivo parece

não ser contemplado quando se trata da experiência leitora no ambiente virtual. O *livro-nocelular* parece não atingir o mesmo status do *livro-em-casa* mencionado por Barthes. A aluna faz uso do livro virtual, consegue lê-lo. Ultrapassou, portanto, um certo enquadramento dado pela cena mais tradicional da leitura, isto é, com o livro nas mãos. Entretanto, sua biblioteca no celular não a leva a pular de alegria como o fez quando ganhou o livro do amigo. Há uma diferença, portanto, que se expressa no próprio corpo da leitora.

Essa diferença também nos parece relevante quando se reflete a respeito da formação de leitores e quando se contempla nas discussões a Internet como ambiente de leitura. Talvez seja ainda um tanto cedo para nos desligarmos completamente do fetiche do livro, visto que os efetivos leitores, ao menos os desta pesquisa, ainda se vinculam muito fortemente à leitura do objeto livro, evidenciando uma relação afetiva no ato de ler, que passa fundamentalmente pelo corpo: sentir o peso do livro, tocá-lo, manipulá-lo.

Nesse sentido, parece bastante distinto folhear páginas (compostas por tipos de papéis diversos, de distintas gramaturas) de fixar o dedo numa tecla para mover a barra de rolagem ou de passar os dedos por sobre uma tela brilhante para acessar a página seguinte do documento. Ou também, como lembra Manguel (2017), deixar de encontrar pequenos objetos do passado marcando as páginas, memórias do que éramos quando as lemos alguma vez, para, agora, acessar facilmente, automaticamente, a página em que interrompemos a leitura. Talvez, o que se perca da leitura do objeto livro seja não apenas algo material, mas também mais ligado a uma intimidade que as novas mídias e o ambiente da Internet não são capazes ainda de acessar em nós. Talvez, os não leitores que acessam vorazmente a Internet em busca de algo com que ocupar as horas de lazer estejam, de fato, buscando alguma referência que o mundo virtual em si não tem condições de fornecer. Então, gastam-se horas à deriva num oceano de promessas, mas sem a chance do resgate, porque não há bússola, não há carta de navegação, não há porto para se baixar âncora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados, conclui-se que o acesso à Internet tem ampliado as possibilidades de leituras, dado que é utilizada pela maioria dos jovens para as suas práticas leitoras e atividades realizadas no seu tempo livre. Logo, em termos quantitativos, a Internet pode ter contribuído significativamente para o aumento de leituras entre os jovens. Entretanto,

não é possível definir se isso tem impactado na qualidade das mesmas, uma vez que diante de um “mar” de possibilidades, torna-se difícil escolher o que merece ou não ser lido, a fim de ocupar as escassas horas do leitor.

Nesse sentido, considera-se que a Internet é um marco importante para a expansão do acesso aos textos, mas há necessidade de investigações quanto à apropriação desse recurso visando a uma leitura atenta e reflexiva, não como mero consumo de informações e textos de forma rápida e superficial. Por outro lado, há que se considerar também a necessidade de aprender a lidar com a vastidão que o ambiente virtual proporciona sem, no entanto, cair paralisado diante do inevitável recalque imposto pela infinitude de possibilidades.

Sendo assim, observa-se a necessidade de o leitor contemporâneo adotar uma nova postura, pois tem de lidar com uma infinidade de textos e o recalque motivado pela impossibilidade de ler todos. Diante disso, percebe-se que novas relações entre a leitura no ambiente digital devem ser consideradas pelos formadores de leitores, o que vai desde a apresentação do recurso com meio de acessar textos literários até os questionamentos sobre os critérios de escolhas.

Nessa esteira, parece-nos fundamental também considerar a necessidade de a escola se preparar para lidar com o paradoxo contemporâneo de equilibrar a abordagem das novas práticas resultantes dos gêneros que se criam no ambiente virtual e o trabalho sistemático com leituras densas, que favoreçam momentos reflexivos mais intensos, o que pode ser proporcionado, muitas das vezes, por um mergulho mais detido na obra literária, seja ela impressa ou acessada na Internet.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador (II). In: FREIRE, Fernanda M. P. ALMEIDA, Rubens Queiroz de. AMARAL, Sergio Ferreira do. SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 89-106.
- ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BATISTA, Patrícia Cardoso. **Formação de leitores literários no ensino médio: tecendo histórias**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORREIA, Raquel Pinto; FRAGATTI, Poliana; CLARA, Gisele Tosi de Santa. Preferências de leitura dos estudantes de ensino médio. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 919-931, 2017. Disponível em: <https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/1013/703>. Acesso em: 29 jul. 2019.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 29 jul. 2019.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Ed. SESC, 2017.

PAGNAN, Celso Leopoldo. LIMA, Denilson Teixeira; MUSTAFA, Rennan Herbert. A prática da leitura: hábitos e suportes. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente - SP, v. 29, n. 2, p.139-155, Mai./Ago., 2018.